

A atualidade de Vitaliano Brancati: figurações do masculino e do feminino em *Il bell'Antonio* e a construção de gêneros na sociedade brasileira

Rodrigo Vicente Rodrigues
Universidade de São Paulo
rodrigo.vicente.rodrigues@usp.br

RESUMO: Partindo da obra *Il bell'Antonio*, de Vitaliano Brancati, este artigo visa a verificar como são construídas as noções de feminino e masculino dentro do romance e a demonstrar como a nossa sociedade contemporânea ecoa muitos pontos do mundo siciliano do *primo novecento* evocados pelo escritor. Para tanto foram usados textos teóricos que focam a questão da construção dos gêneros como algo social e historicamente condicionado, o que se mostra particularmente importante neste momento, em que se vê um recrudescimento de discursos conservadores e uma guinada à direita no Brasil. Nesse sentido, demonstrar-se-á a atualidade da obra de Brancati e a importância da literatura como convite à alteridade e à reflexão para se pensar a própria realidade, mesmo apesar da distância temporal e da diferença de contextos entre a realidade que *Il bell'Antonio* encerra e a nossa.

Palavras-chave: Masculinidade. Feminilidade. Literatura italiana. Machismo.

ABSTRACT: Basato sul libro *Il bell'Antonio*, di Vitaliano Brancati, questo articolo si propone di verificare come le nozioni di femminile e maschile siano costruite all'interno del romanzo e di dimostrare come la nostra società contemporanea rifletta molti punti del mondo siciliano del primo novecento evocati in quest'opera. Pertanto, i testi teorici che si concentrano sulla costruzione di generi sono stati impiegati al fine di dimostrare che essa è qualcosa di condizionato socialmente e storicamente. Ciò è particolarmente importante in questo momento, quando in Brasile c'è un aumento dei discorsi conservatori e una svolta a destra. In questo contesto verrà dimostrata la rilevanza dell'opera di Brancati e l'importanza della letteratura come invito all'alterità e alla riflessione su la realtà attuale, a dispetto della distanza temporale e della differenza di contesti tra la realtà che *Il bell'Antonio* mostra e la nostra.

Parole-chave: Mascolinità. Feminità. Letteratura italiana. Maschilismo.

ABSTRACT: Based on the work *Il bell'Antonio*, by Vitaliano Brancati, this article aims to verify how the notions of feminine and masculine are constructed within the novel and to demonstrate how our contemporary society echoes many points of the Sicilian world evoked by the writer in his work. To do so, theoretical texts that focus on the issue of gender construction as something

social and historically conditioned were used. This is particularly important at this moment, when the conservative discourses and the far-right increase in Brazil. In this context, the relevance of Brancati's work is evoked as something very current and the importance of literature as an invitation to otherness and reflection to think about the reality itself will be demonstrated, in spite of the temporal distance and the difference of contexts between the reality of *Il bell'Antonio* and ours.

Keywords: Masculinity. Femininity. Italian literature. Male Chauvinism.

Introdução

Em 1949, Vitaliano Brancati publicava *Il bell'Antonio*. Os termos logo se transformariam em sinônimo de um homem cuja virilidade se mostrasse duvidosa. A obra é uma denúncia irônica da situação do sul italiano ainda sob jugo fascista, regime que quis “disseminar nos jovens características tidas como autenticamente masculinas” e no qual o corpo possuía um valor exacerbado (FERNANDES FILHO, 2013, p. 8). Este é o pano de fundo: uma sociedade machista, paternalista e hipócrita. Antonio, rapaz de beleza exacerbada, é visto como uma promessa de glória para a família, sendo tomado por um “ganhão” que, ao fim, mostra-se impotente sexualmente, ficando em desalinho tanto com a moral popular como com os valores da *romanità* propagados pelo *duce*.

Observando a situação do Brasil atual, vê-se que muito dela ainda ecoa aquilo que Brancati transformava em tragicomédia, já que apenas em 2021 o Supremo Tribunal Federal invalidou o discurso de “legítima defesa da honra como justificativa para crimes contra a mulher” (STF, 2021). A literatura, assim, mostra-se como fecundo exercício de alteridade, convidando-nos à reflexão, pois ao se observar a sociedade catanesa do *primo novecento*, é possível flagrar concepções comumente manifestadas pelo *modus operandi* da sociedade brasileira. Isso é reforçado se levarmos em conta a atual conjuntura, na qual se

observa uma guinada à direita, bem como o recrudescimento de velhos discursos conservadores que nunca foram superados.

Machismo tóxico e a construção da masculinidade

É recente a percepção da masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005) como algo tóxico; gerada como reflexo de novos *modi vivendi*, das lutas das minorias e também por questões comerciais, somente agora fica mais explícito que o machismo prejudica também os homens. Brancati, apesar de não ter se baseado em teorias feministas, que eclodiriam fortemente pouco tempo depois de sua morte, já colocava no seu romance exemplos do machismo *padrão*, que coagia todos, ainda que as mulheres fossem postas em posições subalternas em relação aos homens, no discurso e nas práticas sociais.

O autor denuncia a sociedade siciliana que, apática politicamente, é superficial nas suas concepções morais, evidenciando “l’ossessione della donna come norma di vita” e “la pochezza morale” (SPAGNOLETTI, 1994, p. 458) dos retratados. Os primeiros parágrafos descrevem jovens sicilianos solteiros, na Roma dos anos 1930, e que não se interessavam pela nova realidade que se lhes apresenta por estarem com a atenção posta somente nas mulheres (BRANCATI, 1992, p. 7). Nesse contexto, Antonio é descrito como uma exceção em relação a seus companheiros por ter beleza extrema, o que despertava desejo nas mulheres (BRANCATI, 1992, p. 8). Aqueles, mais “feios”, também angariam aventuras sexuais (BRANCATI, 1992, p. 8) com as mulheres romanas, que compactuam com os sulistas, “di una cortesia e una tenerezza senza pari nei riguardi dell’altro sesso” (BRANCATI, 1992, p. 8). Em relação ao protagonista,

le donne si sentivano dominate [...]: accanto a lui, bruciavano dolcissimamente, e soffrivano, e impazzivano con una soavità sì profonda da far pensare che una grave anomalia si fosse impadronita di esse, confondendo il piacere e il dolore in quella totale mancanza di

discernimento, che è il solo stato in cui una persona osa dire a voce alta:
io mi sento felice! (BRANCATI, 1992, p. 9)

Assim, o desejo das mulheres é mais nuançado, como se a paixão fosse também mental/interna, já que Brancati usa termos como *soffrivano, impazzivano etc.* para descrevê-las, ao passo que os forasteiros desejavam as mulheres sobretudo pela visão.

Em Roma, muito peculiar é o modo de agir de Luisa Dreher, “la più bella ragazza straniera che si trovasse a quel tempo in Italia” (BRANCATI, 1992, p. 15), que se declara a Antonio, colocando-se numa posição submissa *por opção*, de forma a convencê-lo a aceitá-la, mas pontuando: “Sono una donna seria! Non sono come le altre” (BRANCATI, 1992, p. 17). São dois lados da mesma moeda: ela é suficientemente ativa para ir atrás do homem desejado e se lhe declarar, não o querendo esposar, pois bastava a si mesma (BRANCATI, 1992, p. 16), mas se mostra submissa para demonstrar seu “amor”.

Assim, há quase um movimento de cantiga de amor trovadoresca: a submissão para despertar o interesse (a piedade) no amado, mas aqui numa chave inversa. Isto se dá porque o sujeito, ao apropriar-se de valores dados, opera “movimentos dialéticos de acomodação e resistência às pautas sociais” (SIQUEIRA, 1997, p. 117), o que acontece também em relação aos homens, havendo diferentes tipos de masculinidades no mesmo contexto social (CONNELL, 1995 *apud* FARIA, 2009, p. 77). Contudo, há uma masculinidade hegemônica: “aquela ligada à legitimação do patriarcado” (BRITO; SANTOS, 2013, p. 237). Desse modo, o ideal masculino “é modulado a partir do ‘ethos coletivo’ que, por sua vez, é elaborado a partir de uma memória discursiva institucionalizada [...]” (JESUS; TEIXEIRA, 2010, p. 4).

Dentro da própria casa, Antonio é objeto de desejo da empregada, que não leva a cabo a vontade de entrar no quarto do patrão e “compiere un atto

disonesto” (BRANCATI, 1992, p. 10). O fato de seu desejo ser visto como *desonesto* é algo salientado pela voz narrativa, o que poderia refletir a subjetividade da personagem, mas, de qualquer modo, explicita-se que há desejo sexual nessa mulher, não existindo uma “natureza feminina” que a diferiria do homem. Noutra passagem, é dito que “le donne si comportavano con lui [Antonio] come gli uomini con le donne” (BRANCATI, 1992, p. 213), e essa equiparação de comportamentos é proibida, não pela lei, mas pela moral.

No contexto social, “o corpo apresenta-se como uma superfície sobre a qual a cultura imprime o seu gênero” (CONNELL, 2015 *apud* ARAÚJO, NASCIMENTO, ZAGO, 2019, p. 5), sendo “um substrato onde são incorporados valores, normas e símbolos culturais arranjados em meio às estruturas de poder social que os regula num padrão onde coabitam o biológico e o social em permanente diálogo” (SENKEVICS; POLIDORO, 2012 *apud* ARAÚJO; NASCIMENTO; ZAGO, 2019, p. 5). Isso se dá porque “os corpos são generificados e moldados por um saber local comum de produção moral e simbólica, saber este que deriva de uma construção social e cultural, e não de um dado natural” (ARAÚJO; NASCIMENTO; ZAGO, 2019, p. 5). Especialmente “a masculinidade construiu-se pelo corpo e continua sendo construída, como um texto a ser lido pelo outro” (FERNANDES FILHO, 2013, p. 1). Portanto, a empregada não poderia dispor plenamente de seu corpo pois ele é parte do social, que o limita.

Preocupada com o interesse despertado por seu filho, sua mãe, Rosaria, vai se confessar, demonstrando, assim, a face católica tradicional da sociedade catanesa e passa a saber que as moças, na missa, dispersam sua atenção ao procurar por Antonio, que o padre interpreta como algo maligno; ela não obtém respostas às suas angústias e sai da igreja com o conselho de pedir a Deus que “levasse” o filho logo (BRANCATI, 1992). Assim, fica claro o tabu em torno da sexualidade feminina: um homem que desperta interesse nas mulheres

honestas e *católicas* deveria ser eliminado por força divina, porque ela não é permitida, a não ser no bojo do casamento, para satisfação dos desejos do marido e de modo hipocritamente descrito como meio de procriação. Do homem, contudo, é esperado que tenha múltiplas parceiras, ocorrendo o mesmo no Brasil atual, tendo sido constatado que adolescentes do gênero masculino começam sua vida sexual muito cedo como prova de sua masculinidade (ARRAES *et al*, 2013, p. 1268) perante os demais homens.

No romance, muitas moças se confessam por terem cometido o pecado de *pensar* demais em Antonio: há desalinho entre o que se esperaria dessas moças católicas (praticantes, já que se confessam) e aquilo que realmente pensam e desejam, ficando claro que esses desejos, mesmo que condenados, não desaparecem, e elas tentam, através da confissão, expurgar a culpa – *conditio sine qua non* do catolicismo –, havendo internalização da moral regente.

Por causa da estada em Roma, Antonio passa a gozar da fama de *bon vivant* e garanhão que, lá, teria tido muitas mulheres, inclusive uma condessa. De volta à casa, deparar-se-á com o tio Ermenegildo, que logo fala de mulheres, pois vendo o sobrinho abatido, crê que elas teriam exigido demais dele fisicamente, e se dá como exemplo dizendo que elas não o deixavam em paz, mesmo sendo velho (BRANCATI, 1992). A atitude do tio se justifica numa sociedade machista, na qual "a presença do outro é condição de possibilidade para a constituição e afirmação da identidade" masculina (SIQUEIRA, 1997, p. 116).

Nesse jogo de papéis *grosso modo* pré-estabelecidos, entra em cena Elena, vizinha da família Magnano, que exemplifica a natureza estereotipada da mulher dita *romântica* escrevendo vários diários e se declarando a Antonio de modo servil e submisso. Ele, contudo, despreza grandemente tal ato; seu pai, Alfio desmoraliza a moça, e Rosaria concorda com este, dizendo que as mulheres têm "fuoco sotto le gonne" (BRANCATI, 1992, p. 32). Assim, verifica-se o binômio pelo qual é lida a sexualidade humana dentro de um contexto sexista e

hierarquicamente baseado no gênero que, contudo, é tomado como um dado *per se* e *a priori*: Elena estaria em desacordo com a passividade tida como característica “naturalmente” feminina. Para além da ideia ultrapassada que a basearia no sexo biológico, o gênero é um termo antropológico usado para “definir papéis sociais” que são construídos e desconstruídos pela cultura e que não é definido ao nascimento (CONNELL; PEARSE, 2015 *apud* ARAÚJO; NASCIMENTO; ZAGO, 2019, p. 2).

Assim, a sociedade da Catânia de Brancati (e mesmo a brasileira atual) prega que, do homem, é desejável e valorizável que se demonstrem façanhas sexuais, ao passo que à mulher o mesmo é vetado socialmente. Além disso, há uma separação entre as mulheres: as “de família” são vistas como “assexuais”, ao passo que os homens dependem de outras mulheres que sirvam de troféus perante os demais. Os gêneros, então, são criados a partir de valores predefinidos, que são fatores de maior aceitação e prestígio na comunidade a que os sujeitos pertencem, estando a masculinidade “a serviço das normas culturais” (ARAÚJO; NASCIMENTO; ZAGO, 2019, p. 5).

Barbara Puglisi

Casando-se com Barbara, Antonio tornará explícita sua condição de impotente. Ela é filha de um notário, e o casamento é arranjado praticamente como acordo comercial. Antonio, não demonstrando interesse pelo matrimônio ao início, precisa apenas de uma primeira visão inesperada da noiva prometida para mudar de ideia e enamorar-se dela, algo muito reiterado nas mídias de massa do século XX: “amor à primeira vista”.

Antes, Ermenegildo já descrevera as qualidades da moça: toca violino, vai à Igreja, fora educada em bons colégios, era rica e de família de origem nobre; ao lado disso, o tio diz não se tratar de um gênio, já que, segundo ele, uma mulher nunca deve sê-lo (BRANCATI, 1992). De mulher, passaria a ser *esposa*,

que não poderia ser independente, mas deveria, contudo, ser fina, culta, delicada e bonita. Nesse sentido, vemos que não há muita diferença entre tal contexto e o Brasil do século XXI, já que a revista *Veja*, em abril de 2016, ou seja, mais de 70 anos depois da publicação de *Il bell'Antonio*, apresentou Marcela Temer, como uma mulher “bela, recatada, e ‘do lar’”. A matéria completou a manchete dizendo que ela “aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice” (LINHARES, 2016). Não é preciso lembrar que isso foi um escândalo, mas o simples fato de ainda tais características serem vistas como méritos de uma mulher brasileira do século XXI reitera uma posição subalterna em relação ao homem, diferenciando-a totalmente deste, que jamais poderia ter como qualificativos “belo”, “recatado” e “do lar”.

De forma semelhante, Barbara se edifica à sombra do pai, cujo cargo público lhe demandava uma imagem séria e viril. Exemplo irônico disso é quando a aquisição de um simples aquecedor poderia ter sido considerada uma mácula nela. Como uma continuação reconfigurada desse *modus operandi* retratado na obra literária, hoje, no Brasil, diversas pesquisas demonstram que “na obstinação de não demonstrar sinais de fragilidade, socialmente entendidos como inerentes ao feminino, os homens acabam por agravar os seus problemas de saúde”, já que não procuram serviços disponíveis nessa área (KEIJZER, 2001; FIGUEIREDO, 2008; GOMES, 2008).

Ainda nessa seara “sexista”, vemos que muito pouco mudou em alguns campos da vida social, sendo um grande exemplo disso o fato de os esportes culturalmente valorizados, sobretudo o futebol, serem práticas em que o homem pode mostrar virilidade, ao passo que à mulher sempre foram reservadas “práticas que preservassem a suavidade de movimentos e a distância de outros corpos” (FARIA, 2009, p. 67). No “país do futebol”, o esporte serve para que os meninos “aprendam a ser” representantes do gênero masculino, mas a partir de um modelo de masculinidade dado (DAMO, 2005, p. 139). Leda

Costa afirma ter sido o “medo da masculinização” o motivo pelo qual, em 1941, as mulheres foram proibidas de jogar futebol através de decreto-lei (2006, p. 118). Contudo, em paralelo à negação da participação feminina, aos homens ela é imposta, já que o esporte é “‘prescrito’ sócio-historicamente para que meninos se tornem homens”, sendo um “exercício da masculinidade” (FARIA, 2009, p. 73).

Voltando à obra de Brancati, por pertencer a uma família influente, Barbara havia deixado os familiares preocupados por ter não se encaixado rapidamente nos estereótipos femininos. Ao fim da adolescência, porém, torna-se “la ragazza più seria e normale che si potesse sperare” (BRANCATI, 1992, p. 56), fruto da pressão da família que “também é um contexto de aprendizagem do masculino e do feminino” (FARIA, 2009, p. 84), já que “os papéis sociais de gênero são apreendidos desde a infância e se consolidam ao longo da vida” (HALPERN, 2010 *apud* ARRAES *et al.*, 2013, p. 1269).

Assim, ela molda uma máscara social, pois as mulheres *Puglisi* só poderiam tornar-se donas de casa e os homens, futuros notários (BRANCATI, 1992, p. 54). Ou seja, aqui, a mulher só existe socialmente em paralelo a seu marido. Isto sempre ocorreu no Brasil: chamada até a passagem do século XX para o XXI de “divisão *sexual* do trabalho” o modo como à mulher cabia os afazeres domésticos e, ao homem, trabalhar fora (SIQUEIRA, 1997, p. 113), na verdade sempre foi uma divisão generificada, a partir da qual os indivíduos passam pelo processo social de “aprendizagem de gênero” (FARIA, 2009, p. 65), no qual as mulheres “aprendem” a ser obedientes e delicadas (FARIA, 2009, p. 84) e os homens, *viris*. Assim, ao passo que Giorgio (pai de Barbara) se envaidece de sua linhagem nobre, Alfio se orgulha da linhagem de homens *viris* de que provém. Isso acontece porque, no processo de aprendizagem do gênero há uma repetição de outros homens como modelos a serem seguidos, seja o pai, o tio *etc.* (FURLAN & BOCCHI, 2003, p. 448 *apud* FERNANDES FILHO, 2013, p.

10). Há, portanto, um espelhamento entre Alfio e Giorgio, orgulhosos da moldura familiar em que os homens ocupam de modo bem-sucedido papéis predeterminados; se aquele não tem dinheiro, ao menos tem a virilidade.

Nesse sentido, tal qual acontece grandemente no Brasil, as qualidades são divididas entre os gêneros; ao protagonista caberia a função de mantenedor da família, já que a virilidade é vista também como força de trabalho, criando-se um mito da “invulnerabilidade masculina” (PAIVA, MOTTA, GRIEP, 2011, p. 6). Isso ficou patente, no contexto brasileiro, através de estudo com um grupo de adolescentes em relação à sua possível vulnerabilidade ao HIV, que concluiu que eles se sentem imunes ao vírus devido à sua condição de pertencentes ao sexo masculino (ARRAES *et al.*, 2013, p. 1266) e heterossexuais. Assim, Antonio, vai se tornar a vergonha da família porque “faliu”, fugindo ao decoro socialmente pregado para seu corpo.

Depois de sabida a condição do marido, desempenhando vários papéis sociais dados, Barbara, para explicar o desejado rompimento, dirá que, sendo filha, tem de obedecer ao pai e, sendo católica, não poderia viver um casamento que não era válido aos olhos de Deus (por não ter sido consumado pelo sexo). Assim, tudo fica explicado pelas normas sociais. Quando do encontro entre ela e Rosaria, diz ser desprezada por Antonio, que a tratava como “un pezzo di legno” (BRANCATI, 1992, p. 124). A sogra, porém, diz que a nora espantava o filho por ser “fria” (BRANCATI, 1992, p. 124), culpando, assim, a mulher. Ao fim, Barbara de fato consegue a anulação do casamento e, em pouquíssimo tempo, contrai novo matrimônio com o duque de Bronte. Isto, apesar de poder ser motivo de coscuvilhice, encontra respaldo no catolicismo e na moral geral. Há, então, outro casamento na Igreja, que o valida.

Em boa parte da trama o problema de Antonio é velado, o que muda quando Giorgio vai conversar com Alfio sobre os problemas dos filhos. Este infere que o único mal que Antonio poderia criar seria fruto do seu excesso de

virilidade, pois agora teria de compensar todo seu furor somente em Barbara, que ficaria sobrecarregada, já que se toma por verdade haver um “caráter incontrolável, indomável” da sexualidade masculina, “concebida como uma necessidade que requer satisfação sempre imediata” (GUERRIERO; AYRES; HEARSTC, 2002, p. 53).

Sendo mulher, Giorgio afirma que Barbara não podia tocar em assunto tão delicado, novamente colocando a pudicícia como qualidade feminina. Rosaria concorda com Giorgio, já que, quando as pessoas falam “chi ci perde è la donna e non l'uomo” (BRANCATI, 1992, p. 96). Isso ficou patente no contexto brasileiro atual, quando se vê que, numa pesquisa sobre prevenção do HIV, meninas e adolescentes sugeriram que as máquinas/totens de distribuição de preservativos fossem colocados *dentro* dos banheiros femininos. Segundo as entrevistadas, caso o homem pegue vários preservativos, é tido como garanhão; se uma menina/mulher o faz, é considerada “puta” (TAQUETTE; SOUZA, 2019, p. 6).

Ainda buscando subterfúgios, Ermenegildo explica a impotência do sobrinho como fruto de suas experiências com “mulheres fáceis”, que o teriam deixado desacostumado às mulheres pudicas como a esposa, havendo uma discrepância entre a vida sexual vivida no casamento e a extraconjugal, e as mulheres são hierarquizadas de acordo com o modo como vivem a sexualidade: a esposa só poderia ser pudica.

“Maculados” pela má fama de Antonio, seus companheiros começam uma busca desenfreada por aventuras sexuais, pois a virilidade culturalmente valorizada, tanto na Catânia de Brancati como no Brasil atual, é expressa no “controle do corpo, suas funções, sua imagem e suas ações” (ARAÚJO; NASCIMENTO; ZAGO, 2019, p. 2) como índices do “ser homem”, e é justamente a perda desse controle que faz Antonio decair. Seus amigos, então, passam a querer se mostrar diferentes dele, pois, segundo Welzer-Lang, “os

homens que não mostram sinais redundantes de virilidade são associados às mulheres e/ou a seus equivalentes simbólicos (os homossexuais) e, portanto, estigmatizados" (2001 *apud* FARIA, 2009, p. 75).

Assim, vemos que, *grosso modo*, a sociedade prega a construção de gêneros de um modo binário e antitético – em relação à masculinidade, ainda atualmente, o feminino é algo a que se opor (FARIA, 2009, p. 77; BRITO; SANTOS, 2013, p. 237), pois “o corpo masculino liga o homem com [sic] o mundo, e o corpo social é objetivado no modo como é percebido o corpo físico, as experiências físicas proporcionadas por esse corpo (ARAÚJO; NASCIMENTO; ZAGO, 2019, p. 5).

Um amigo de Antonio, Edoardo, em dado momento, tenta apaziguar a mágoa daquele para consigo mesmo, dizendo-lhe que “per qualunque persona di un altro Paese, sarebbe stato un incidente da nulla. Ma per noi è una tragedia” (BRANCATI, 1992, p. 267), ou seja, explicita que a “tragédia” é socialmente construída, uma vez que “os conceitos de corpo e de masculinidade se apresentam como um amálgama, sendo o corpo um substrato no qual os homens defendem suas relações entre o biológico e o social” (CSORDAS, 2013; WATSON, 2000 *apud* ARAÚJO; NASCIMENTO; ZAGO, 2019, p. 2).

Apesar do *gallismo*, a sociedade catanesa descrita na obra é muito preocupada com a fidelidade conjugal, mas, ao mesmo tempo, toma a infidelidade como algo sedimentado, perene e *necessário*, se se tomar o ponto de vista masculino. Se “o homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação” (DAOLIO, 1995, p. 39 *apud* FERNANDES FILHO, 2013, p. 6), Antonio é um inadaptado, pois, seu corpo social e seu corpo biológico estão em desacordo. A antropologia das masculinidades diz: “[...] a saúde e a doença apresentam-se como mediadoras das práticas pelas quais homens e mulheres se

comprometem com o lugar masculino e feminino na sociedade [...]” (CONNELL, 2005 *apud* ARAÚJO; NASCIMENTO; ZAGO, 2019, p. 2).

Segundo a moral local, Alfio é o grande paradigma do homem catanês de então. Inconformado com a impotência do filho, quer mostrar que não era igual a este e, mesmo velho, ainda “era homem”, tendo tido vários filhos com mulheres casadas (BRANCATI, 1992), o que confia à esposa, sem medo, pois a estrutura social permitia que ele fosse infiel, mas ela, não. Ainda hoje, no Brasil, “a infidelidade masculina é considerada natural; a feminina é atribuída a deficiências do parceiro (GUERRIERO; AYRES; HEARSTC, 2002, p. 50) ou imoralidade, já que a sociedade nuclear burguesa, “no que diz respeito à sexualidade, impõe à mulher o não pertencimento de seu próprio corpo e domínio da própria sexualidade” (ARRAES *et al.*, 2013, p. 1269). Além disso, em relação ao indivíduo, podemos entender que a constituição dos gêneros, enquanto identidades, dá-se num processo dialógico em que “as biografias individuais entrecruzam-se com as pautas sociais historicamente construídas [...]” (SIQUEIRA, 1997, pp. 128-129).

Portanto, Alfio, no fundo, sente orgulho de si mesmo. Ao fim do enredo, no ano de 1943, sob ataque, vai se refugiar num prostíbulo, pois queria morrer ao lado de uma prostituta para que na memória da cidade ficasse gravado que, com sua idade avançada e mesmo em guerra, Alfio Magnano era “muito homem”. Ocorre de fato o bombardeio e ele é encontrado dias depois como imaginara: tornando-se um herói da cidade por ter morrido entre prostitutas (BRANCATI, 1992, p. 247). Assim, vemos que a personagem e o pensamento moral geral da sociedade a que pertence são afinados pelo mesmo diapasão, pois “as significações atribuídas às ações partilhadas são oriundas [...] de um complexo amálgama [...] de ordens diversas, como classes, gênero, etnias e assim por diante” (SIQUEIRA, 1997, p. 115). Portanto, devemos ver Alfio e os

outros homens como frutos da interação entre o mundo de valores dados e o modo como se ligam a ele.

Alfio sempre quer reiterar sua virilidade, pois “a motricidade e as expressões corporais” servem “como formas de utilizar o corpo como um texto a ser lido *pelo outro* e não ser confundido com o feminino” (FERNANDES FILHO, 2013, p. 13, grifos nossos). Nesse sentido, conforme salienta La Cecla (2005, p. 60 *apud* FARIA, 2009, p. 80), “o gênero é uma prática, ou seja, algo que se modela com a prática”. O ato sexual como meta masculina reflete como os homens sabem se servir de seus próprios corpos, técnicas que “não sendo naturais, mas adquiridas, expressam a própria sociedade que lhes deu origem” (MAUSS, 1974, p. 211 *apud* FARIA, 2009, p. 84).

No caso do pai de Antonio, percebemos que ele internalizou os valores de sua sociedade (até mesmo a hipocrisia que a rege) muito fortemente, pois

a experiência moral permeia a vida dos homens em seu convívio social, e em se tratando de um poder regulatório constituído entre a comunidade e as estruturas que a regem, não tem o mesmo valor legal que decretos e leis estabelecidos pelo Estado, mas tem um valor simbólico e moral capaz de regular práticas e comportamentos no meio sociocultural (HUNT; CARNEVALE, 2011 *apud* ARAÚJO; NASCIMENTO; ZAGO, 2019, p. 5).

Comparando a Catânia de Brancati ao Brasil atual, percebemos novas formas de se viver a masculinidade, porém, isto ainda está restrito a nichos específicos: se observamos a definição do “metrossexual” feita primeiramente por Mark Simpson como “um jovem com dinheiro pra gastar, que vive numa metrópole ou perto dela, porque é onde as melhores lojas, boates, academias e cabeleireiros estão” (SIMPSON, 1994 *apud* JESUS; TEIXEIRA, 2010, p. 6), vemos que a dita “nova masculinidade” é algo limitadíssimo.

Nesse sentido, basta pensarmos na antiga revista *Man's Health Brasil* (2006-2016), que supunha trazer essa nova masculinidade, para percebemos que se

criou uma “nova” imagem do homem para que ele começasse a consumir novos produtos, ditos *de luxo* (antes reservados às mulheres): ele se preocupa com corpo (mas este é sempre viril e extremamente musculoso), mas “os cuidados com o visual surgem como [nova] maneira do [sic] masculino demonstrar sua hegemonia” (JESUS; TEIXEIRA, 2010, p. 10). Além disso, “o capitalismo desloca os ideais masculinos” (JESUS; TEIXEIRA, 2010, p. 5), mas não há proposta de real mudança na ordem social em que o homem ainda é preponderante. As mesmas autoras salientam que seria uma ilusão supor uma crise de poder masculino (JESUS; TEIXEIRA, 2010, p. 3), que continua preponderante, inclusive com a “masculinidade hegemônica” de que falava Connell (2005).

Considerações finais

Este trabalho procurou, de maneira transdisciplinar, demonstrar como a obra *Il bell'Antonio* se mostra atual, para além de uma análise literária, tendo sido trazidos dados de diversas áreas que com ela poderiam dialogar. Ela serviu como ponto de partida para demonstrarmos como o Brasil atual se equipara, em muitos pontos, à sociedade que o romance encerra. A grande realidade da Catânia que Brancati procurou explicitar é propriamente sua degradação moral e a hipocrisia na qual se apoia, que espelhariam as estruturas de manutenção do fascismo como regime vigente; as personagens brancatianas se mostram simplificadas, para se aproximarem de personagens-tipo e, assim, abarcarem mais amplamente os vários constituintes que perfazem a dinâmica social siciliana; o grande mérito do autor foi o de elucidar aspectos profundos dessa sociedade, satirizando-a. Assim, as ações valem mais do que a compleição interior das personagens, por isso, o autor usa mais a exposição dos episódios

pela narração de fatos e através da fala de suas personagens do que lhes descrevendo a subjetividade.

Naquela sociedade, prega-se a virilidade como máximo atributo masculino, mas há também a família como necessidade social a ser preservada, sob a guarnição do catolicismo, realidades essas incongruentes, antagônicas e, muitas vezes, fadadas ao fracasso. O que permite sua coexistência é justamente uma dinâmica social hipócrita e demagoga. A mulher que está imbricada nela tem de ser vista, então, sob diversas óticas, já que, numa realidade em que se prega o *gallismo* e a pudicícia feminina ao mesmo tempo, os discursos e práticas sociais só podem estar em desalinho.

Tal *gallismo* demonstra de maneira clara como esses homens fazem uso de sua masculinidade. Porém, como o gênero é construção, vemos que a sociedade (tanto a descrita no livro como a atual) elenca, ao longo dos anos, modelos de feminino e masculino que, embora não sejam estanques e estejam em modificação, demoram a transformar-se, mantendo muito dos *modi operandi* descritos na obra literária. Mesmo apesar do distanciamento diatópico e diacrônico, o machismo pode ser visto, em muitos aspectos e em vários episódios, como *conditio sine qua non* para o exercício da masculinidade no Brasil.

São inúmeros os exemplos que poderíamos dar em relação à construção social dos gêneros no nosso país, muitos deles (talvez a maioria) estejam de acordo com a realidade descrita em *Il bell'Antonio*. Assim, ficam claros os pontos de contato entre a sociedade que o escritor procurou satirizar e denunciar e as práticas correntes aqui, ratificando-se o fato de a literatura ser um convite à reflexão e à alteridade, pois, mesmo não tendo podido ser uma meta de Brancati, o romance ecoa aqui ainda no século XXI. Assim sendo, a obra que mostra o sul italiano no *primo novecento* pode ser um modo de refletirmos sobre a realidade brasileira, especialmente no contexto atual, em que o conservadorismo toma corpo. Mais do que algo panfletário, a obra literária

coloca o leitor em contato com uma realidade nuançada, em que se percebem as forças de uma moral hipócrita e demagoga que impera e que, muitas vezes, funciona do mesmo modo como a moral atual que rege grande parte das dinâmicas brasileiras. Assim, reitera-se que a literatura é exercício fecundo de alteridade e reflexão, potencializadora das percepções sobre o *estar no mundo* do leitor e sobre o próprio mundo em que se insere.

Referências

- ARAÚJO, J. S.; NASCIMENTO, L. C.; ZAGO, M. M. F. Embodied hegemonies: moral dilemmas in the onset of prostate cancer. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, [S. l.], v. 53, 2019.
- ARRAES, C. de O.; PALOS, M. A. P.; BARBOSA, M. A.; TELES, S. A.; SOUZA, M. M. de; MATOS, M. A. de. Masculinidade, vulnerabilidade e prevenção relacionadas às doenças sexualmente transmissíveis/HIV/Aids entre adolescentes do sexo masculino: representações sociais em assentamento da reforma agrária. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, [S. l.], v. 21, n. 6, p. 1266-1273, 2013.
- BRANCATI, Vitaliano. *Opere 1947-1954*. 1 ed; Milano: Bompiani, 1992.
- BRITO, L. T. de; SANTOS, M. P. dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 235-246, 2013.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. Second Edition. Berkeley, CA: University of California Press, 2005.
- COSTA, Leda Maria. Futebol e gênero no Brasil: comentários a partir do filme *Onda nova*. In: ALVITO, M.; MELO, V. A (Orgs.). *Futebol por todo o mundo*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 115-128.
- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissionalização: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005.
- FARIA, E. L. Jogo de corpo - corpo do jogo: futebol e masculinidade. *Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)*, [S. l.], v. 18, n. 18, p. 65-86, 2009.

FERNANDES FILHO, A. O Corpo como "Veículo de Ser" na Construção da Masculinidade. *Anagrama*, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 1-17, 2013.

FIGUEIREDO, W. S. *Masculinidades e cuidado: diversidade e necessidades de saúde dos homens na atenção primária*. 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GOMES, R. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

GUERRIERO, I.; AYRES, J. R. C.; HEARST, N. Masculinity and vulnerability to HIV among heterosexual men in São Paulo, Brazil. *Revista de Saúde Pública*, [S. l.], v. 36, n. 4 supl.0, p. 50-60, 2002.

JESUS, M. S. de; TEIXEIRA, S. M. C. Men's Health: novas tendências pós-modernas, antigas hegemonias masculinas. *Anagrama*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1-12, 2010.

KEIJZER, B. Hasta donde el cuerpo aguante: género, cuerpo y salud masculina. In: KIMMEL, M.; MESSNER, M. (Ed.). *Men's lives: introduction*. 5. ed. Boston: Allyn & Bacon, 2001. p. ix-xvii.

LINHARES, Juliana. "Marcela Temer: bela, recatada e 'do lar'". Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em 19 abr. 2021.

PAIVA, E. P. de; MOTTA, M. C. S. da; GRIEP, R. H. Barreiras em relação aos exames de rastreamento do câncer de próstata. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 73-80, 2011.

SIQUEIRA, M. J. T. A Constituição da Identidade Masculina. Alguns Pontos para Discussão. *Psicologia USP*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 113-130, 1997.

SPAGNOLETTI, Giacinto. *Storia della letteratura italiana del novecento*. 1 ed; Roma: Grandi Tascabili Economici Newton, 1994.

STF. STF proíbe uso da tese de legítima defesa da honra em crimes de feminicídio. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=462336&ori=1>, acesso em 19 abr. 2021.